

VICTOR SERGE
HOMENS
NA PRISÃO

Traduzido do francês
(Rússia | França | República Dominicana | México)
por Francisco Silva Pereira



Para o VLADI()*

Neste livro, tudo é ficção e tudo é verdade. Por meio da criação literária, procurei extrair o conteúdo humano e o significado geral de uma experiência pessoal.

V. S.

(*) Trata-se provavelmente do filho de Victor Serge, Vladimir Alexander Kibalchich, conhecido como *Vladi* (1920-2005) (N. T.).

Detenção

Todos os homens que realmente conheceram a prisão sabem que ela é capaz de estender a sua influência opressiva muito para lá das suas paredes físicas. Com uma terrível clareza, aqueles cuja vida ela há-de esmagar sentem a dado momento que toda a realidade, todo o tempo presente, toda a actividade – tudo o que é real na sua vida – está a desaparecer, enquanto diante deles se abre uma nova estrada na qual entram com passos trémulos de medo. Esse momento glacial é o momento da detenção.

O revolucionário sobre o qual se projecta a sombra da prisão ou da força, que, de repente, numa rua movimentada, sente que está a ser vigiado; o militante clandestino que regressa a casa à noite, tendo terminado o seu trabalho como organizador ou jornalista, que, de repente, se apercebe de uma sombra que se cola à sua sombra, de passos firmes que perseguem os seus; o assassino, o ladrão, o desertor, o homem perseguido, seja ele quem for – todos eles conhecem o desassossego desse momento, cuja antecipação é tão penosa como a sua concretização, por maior que seja a sua coragem e força de vontade. A única diferença entre os cobardes e os outros é que os outros, depois de viverem esse momento sem que o mais pequeno

gesto revele as suas emoções, recuperam a plena posse de si mesmos. Os cobardes permanecem quebrados.

Vivi esse momento várias vezes. Uma delas aconteceu quando eu já estava detido há cinco ou seis horas. Um agente à paisana foi-me buscar à redacção do jornal anarquista pelo qual eu era responsável. Disse-me que era apenas uma questão de assinar os recibos dos documentos que tinham sido apreendidos durante uma busca naquela manhã, em minha casa. Compreendi, mas não fiquei realmente alarmado. Porque a prisão também é algo que carregamos dentro de nós. Eu já contava com aquilo, um osso do ofício, a não ser levado muito a sério. Na esquadra da polícia, um sargento gordo da Sûreté, grosseiro nos gestos e nas palavras, disse-me calmamente:

— Tenho-te na mão. São pelo menos seis meses que tens pela frente a aguardar julgamento. Ou bem que falas, ou prendo-te.

Na janela acima do ombro dele, eu podia ver uns pedreiros a trabalhar num andaime. Pensei para comigo: «Talvez seja uma das últimas coisas que vêes na vida», mas sem acreditar, sem nenhum medo. O momento ainda não tinha chegado. Respondi com um encolher de ombros:

— Muito bem. Prenda-me.

E fiquei naquela sala espaçosa, mobilada com mesas e arquivos, decorada com diagramas antropométricos («formas do nariz, formas da orelha, como ler e desenhar uma descrição»), durante várias horas, a ler calmamente jornais de uma ponta à outra, incluindo os anúncios. Naquela noite, levaram-me para o confortável gabinete do chefe-adjunto da Sûreté. Duas poltronas de couro diante de uma grande secretária, a luz suave de um candeeiro de mesa. À minha frente, nas sombras, as feições refinadas, levemente alongadas e regulares, do polícia bem-educado que, naquela mesma manhã, eu próprio tinha levado de carro da nossa redacção para a tipografia. Revelara na ocasião um comportamento inteligente: a afabilidade arguta de um bom detective que sabe enrolar o seu adversário, seduzi-lo um pouco. Tinha-me dito:

— Entendo-o muito bem. Estou a par das suas ideias. Nos velhos tempos, eu costumava ir às reuniões em que F. falava; um excelente orador, um excelente orador... Mas vocês são demasiado avançados; não hão-de ser muitos...

Depois, com um olhar frio, quase negligente mas predatório, tinha examinado rostos, papéis, objectos – e detido praticamente todos os presentes.

Agora, mostrava-se mais uma vez extremamente educado, um pouco triste e aparentemente angustiado por ter de cumprir o seu dever. E mais uma vez, cativante e persuasivo, convidou-me a dar com a língua nos dentes:

— Nós sabemos tudo; tudo o que nos pode dizer não passará de pormenores complementares; nenhum dos seus camaradas ficará a saber; você poupar-se-á a meses, senão mesmo anos, de prisão; não tem nenhuma obrigação moral para com esses miseráveis; não tem nada em comum com eles... então!

Enquanto ele estava a falar comigo, surgiu o momento. Tudo o que eu conseguia ver na penumbra daquela sala era a oval baça e pálida da cara dele à minha frente. Subiu-me à garganta uma sensação de asfixia. Como um homem que se afoga, vi passar diante dos meus olhos uma sucessão de imagens incoerentes, com uma extraordinária rapidez: uma esquina, uma carruagem de metro, os andaimes que entrevira ainda há pouco. As coisas estavam a desvanecer-se. Respirei fundo e fiz um grande esforço para falar num tom de voz normal:

— Prenda-me. Mas olhe que estou com muita fome. Ficaria muito grato se alguém me pudesse trazer o jantar.

Era tarde; ia ser complicado. Mas, assim que começámos a falar sobre aquilo, senti-me novamente calmo, diferente, estranhamente *livre* e senhor de mim mesmo. O momento tinha passado. Eu havia cruzado a fronteira invisível. Já não era um homem, mas sim um homem na prisão. Um recluso.

Ia viver mil oitocentos e vinte e cinco dias na prisão. Cinco anos.

Alguns meses depois, enquanto revistava o apartamento vazio de um comerciante anarquista, o mesmo polícia deu com uma sala dos fundos muito escura, com as persianas bem fechadas. Corajoso, e aliás inconsciente de qualquer perigo imediato, entrou; um instante depois, dava por si preso numa violenta luta corpo-a-corpo com o homem que perseguia – um bandido anarquista, desesperado. No abraço engalfinhado dos dois corpos que se debatiam no chão, três balas – disparadas à queima-roupa – puseram fim à sua carreira.

Noutra ocasião, o momento chegou numa cidade dourada do Mediterrâneo, num dia brilhante e ensolarado, de um calor pesado, um dia de rebelião. Vivíamos há semanas à espera da batalha. Naquela noite, multidões febris fervilhavam em ondas escuras e silenciosas contra a base da rocha onde a cidadela se situava. Nas ruas, patrulhas de camaradas em roupa de trabalho passavam silenciosamente pelas patrulhas dos gendarmes. Quatro horas da tarde: a hora quente e alaranjada. As fachadas rebocadas das casas dos trabalhadores, geralmente ocres, pareciam vermelhas; a terra pisada do chão, laranja ou vermelha-romã. Ouvia-se um barulho abafado vindo de uma avenida próxima, bloqueada por tropas, onde a polícia estava a investir contra a multidão. Com passos rápidos, saí de uma casa, cercada pela polícia, da qual um dos cabecilhas da crescente insurreição acabara de escapar. A alegria da sua fuga ainda me batia nas artérias. Que luz! Quando emergi abruptamente na rua, dois homens à paisana olharam-me de alto a baixo, hesitaram... Então, os passos deles começaram a coincidir com os meus – rápidos, mais rápidos; perto, mais perto... Era melhor eu não me virar. Se conseguisse chegar à esquina mesmo ali à frente! A minha mente estava absurdamente fixada naquela esquina, como se ela me oferecesse alguma hipótese de segurança inesperada. Uma voz chamou-me:

— Senhor! Ó, senhor!

O homem já estava ao meu lado; os seus olhos escuros fitavam-me calmamente. Pronunciou a fórmula:

— Em nome de Sua Excelência, o Governador Civil...

Um outro aproximou-se. A rua de repente pareceu escurecer. Fechou-se sobre mim. O momento! Na minha mente, comecei de imediato a preparar um protesto vigoroso.

Daquela vez, não foi nada sério. A polícia daquela cidade vivia na expectativa de uma tempestade social. E aqueles homens estavam com medo. Sentia-se o poder dos trabalhadores que pairava no ar. Um velho sargento da polícia, muito correcto, muito educado, falou comigo sobre esperanto – ao qual se dedicava com fervor – e libertou-me passada uma hora.

Paris, a guerra, a espera de ser mobilizado. Campo Mailly? A frente em Champagne? Etapas a ultrapassar, se a sorte ajudar: seria realmente uma pena ficar pelo caminho. Ao longe, o objectivo: a revolução desfraldava as suas bandeiras vermelhas nas ruas de Petrogrado. Um dia de grande tensão, apreensão febril. Kornilov cai derrotado. A revolução vive! Em França, o velho Clemenceau segue o seu lema: «Fazer a guerra!» Almereyda (*) está morto, estrangulado na prisão de Fresnes. As pessoas são detidas, espiadas. Suspeitos e informadores por toda a parte. O fim de um dia de trabalho, roupas de trabalho, o cansaço feliz da noite. À saída da casa de um amigo – um risco – dou com um homenzinho pálido, mal vestido, com mau ar e olhos manhosos. Já vi aqueles olhos manhosos várias vezes nos últimos dias. Apenas para me livrar da desconfiança, viro-me e avanço direito a ele. Ele afasta-se. Estou num dos lugares mais atraentes da Velha Paris: uma pequena rua modesta entre prédios altos, um caminho pouco conhecido, ao que se diz assombrado em tempos por Balzac. Desta feita, a rua não está deserta. Um cavalheiro à espera na ponta, ocioso. Outro afasta-se lentamente. Atrás de mim, num corredor, um terceiro.

(*) Activista anarquista, um dos (não muitos) que se opuseram à guerra em 1914. Morreu em condições duvidosas. Era o pai do cineasta Jean Vigo. (N. T.)

Índice

Prefácio	9
1 Detenção	17
2 Na esquadra	24
3 Transições.	39
4 Arquitectura	43
5 Na cela	46
6 O sistema	57
7 Enterro e vitória	68
8 Todavia, a vida continua...	75
9 Encontros	79
10 A esmola e o capelão	86
11 Pena de morte.	92
12 A Souricière e a Conciergerie	103
13 Barco ébrio.	112
14 Chegada	119
15 O moinho.	125
16 A oficina.	131

VICTOR SERGE

17	Vontade de viver	137
18	Alguns homens	142
19	Os homens	148
20	Resistência da mente	154
21	A ronda	160
22	Noite	166
23	Os guardas	172
24	Os anos	176
25	A guerra	182
26	Disciplina	190
27	Latruffe	196
28	Os doentes	203
29	Morrer	208
30	Sobreviver	215
31	As cartas	221
32	Mais mortes	226
33	Os inocentes	232
34	A voz dos vivos	238
35	Prestes a sair	245
36	Entre mundos	249